

## PELOS (DES) CAMINHOS DA POESIA: ENTREVISTA COM PEDRO TOSTES

<https://doi.org/10.20873/uft2179-3948.2020v11n3p411-415>

Solange Cavalcante de Matos<sup>1</sup>  
Raimunda da Silva Nunes<sup>2</sup>  
Eliane Cristina Testa<sup>3</sup>

### Apresentação

Pedro Tostes é poeta e desde muito cedo se descobriu no vasto mundo da escrita poética. É produtor cultural e, mesmo não se considerando empreendedor no mercado da literatura, vive de poesia de forma audaciosa, resistente e marginal. Desde 2003, começou uma jornada pelo Brasil para levar sua poesia a diferentes locais como: feiras, universidades, congressos, espaços culturais diversos etc., vivendo mediante a compreensão de que esta ação seria uma forma de *popularizar* a literatura. Publicou os livros: *O mínimo* (Ibis Libris/RJ, 2003); *Descaminhar* (Annablume/SP, 2008); *Jardim Minado* (Patuá/SP, 2014) e o mais recente *Na Casamata de Si* (Patuá/SP, 2018). Editou a *Revista Não funciona* (Ano IV) e, atualmente, faz parte do Coletivo Poesia Masoquista. Participou, também, da *Antologia Sadomasoquista da Literatura Brasileira* e de *Portapoema* (Publicações Iara/SP, 2012), que é uma box (uma caixa contendo oito livretos de poesia e um CD).

Acreditamos que Tostes seja um poeta visionário e que não tenha medo de se expor, principalmente, em seus diferentes modos de ver a vida/poesia. Concebemos a poesia como um modo de trilhar muitas experiências estéticas, e Tostes a tem experimentado amplamente com/a linguagem. Sabemos que viver de poesia no Brasil é um grande desafio, especialmente por se tratar de um “país com vários problemas nos campos educacional e cultural” (para usarmos as palavras de Tostes, obtida nesta entrevista). Mesmo diante de tal situação, Tostes tem incentivado os jovens a lerem e a se deixarem afetar pela poesia. Tostes pode ser relacionado à poesia marginal no sentido mais utópico e implicado à força da poesia para abrir (des)caminhos na vida, a começar pela ideia de ocupar as periferias, com saraus e *Slams*. Em seu último

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFT, professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins – solangecavalcante2915@gmail.com

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFT. Professora na Rede Municipal de Ensino de São Félix do Xingu-PA e no Ensino Médio, ligado à Secretaria Estadual de educação-PA – raynasilva@bol.com.br

<sup>3</sup> Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP. Professora do Curso de Letras da UFT – poetisalia@gmail.com

trabalho, “Na Casamata de Si” (Patuá/SP, 2018), mostra-nos o seu lado de poeta “guerrilheiro” e chama a atenção, por meio de seus versos, para a guerra do “presente”, uma guerra, aliás, tanto interna como externa a nós. Em entrevista realizada via e-mail, Tostes nos faz revelações da sua vida como escritor e de muitos dos seus (des)caminhos no mundo da poesia. Agradecemos a disposição e colaboração do poeta e, ao leitor, boa leitura!

### **Pedro, como você se tornou poeta?**

Eu me descobri na poesia muito cedo, de forma quase acidental. Mas tornar-se poeta foi um processo mais longo, que envolveu o aprendizado da rua e das palavras. Para se tornar poeta é preciso mais do que a poesia. É preciso viver a poesia no sangue, no dia a dia. Torquato Neto já dava a senha “é o risco, é estar sempre a perigo sem medo (...) é destruir a linguagem e explodir com ela”.

Para me tornar poeta eu precisei enfiar meus livros debaixo do braço, dentro da mochila e tomar a rua e o mundo. Gritar meus versos a pleno pulmão nas avenidas sem medo do ridículo. Se expor e expor ao mundo uma existência enquanto poeta, vivendo à parte do sistema produtivo. Viver de poesia é viver de vender algo cujo valor é inexato, é como vender sonhos. Qual o valor da poesia? Esse é um valor que só pode ser definido por quem lê e é atingido pelo poema.

### **Pedro, conte-nos como você vê o seu processo de escrita. Você acha que mudou ao longo dos anos?**

O meu processo de escrita é fluido, muda muito de acordo com a oportunidade. Às vezes é um som que fica ecoando dentro da mente, que pode crescer e encadear com outros sons dando a fagulha a um poema. Às vezes é uma imagem que se repete e fica ali se repetindo até encontrar um contexto para virar poema. E tem vezes que o poema vem num fluxo quase pronto. Mas quase sempre existe um processo de maturação. Acho que houve modificações durante os anos sim, tornei-me mais paciente e aprendi com o tempo a construir projetos mais sólidos e longos, trabalhando com conceitos e léxicos diferentes para cada projeto.

**Em nossas pesquisas sobre você, vimos que tem viajado pelo Brasil, de Norte a Sul, para divulgar as suas produções e falar de poesia. O que o impulsionou a fazer tal projeto/movimento?**

Desde sempre eu tive esse impulso de viajar pelo Brasil levando meus livros e minha literatura. Tenho feito isso, embora de forma menos articulada, desde 2003, indo a festivais, feiras, congressos, aproveitando oportunidades que surgiam para levar minha literatura e articular com grupos locais. Isso, pois acredito e me organizo com um pensamento de guerrilha na literatura, valorizando a conexão com novos territórios, espacialidades e células locais de produção de arte e pensamento. Acredito que a construção de novas fronteiras individuais e a capacidade de conexão com outros espaços e realidades geográficas e culturais enriquece o potencial de produção da nossa literatura, pois a vivência literária não se dá somente nos livros, mas também nos encontros e na construção conjunta de ideias.

Dito isso, quando lancei meu livro “Na Casamata de Si” e durante as minhas primeiras viagens, tomei como desafio pessoal rodar o Brasil inteiro, saindo um pouco do eixo das conveniências de datas e oportunidades, justamente para ajudar a descentralizar e amplificar a potência dessas experiências. Até o momento tem sido muito interessante a experiência, tenho tido a oportunidade de conhecer lugares e pessoas que jamais teria chegado se não empreendesse esse esforço. Acho que no final da viagem, terei enriquecido bastante em cultura e poderei novamente transmutar isso na minha poesia.

**O que é viver de poesia em um país como o Brasil?**

É um desafio, sem sombra de dúvidas. O Brasil é um país que enfrenta sérios desafios no campo educacional e cultural, com a literatura sendo considerada um luxo de acesso negado a uma imensa maioria. Diante disso, acredito que cumpre a quem produz literatura no Brasil o papel de buscar e, de alguma forma, militar para ampliar o acesso ao livro e à literatura no país. Não dá para ser escritor em um país semianalfabeto e somente se refestelar no compadrio da sua pequena patota, frequentando vernissages e falando de si em festas e feiras literárias. É preciso um compromisso com a busca de novos espaços e leitores, para que a gente possa, de alguma forma, criar uma cultura letrada nesse país. No entanto, o que mais se vê nos círculos literários é a tentativa de invalidar as iniciativas culturais e literárias incipientes, colocando sua régua literária como verdade universal.

**Pedro, você é tido como um escritor que faz poesia de alta tensão, rebelde, resignado, paradoxal, irreverente, sensível, que trata das questões sociais de forma profunda sem hipocrisia. O que isso significa para você?**

Não me julgo apto a avaliar como a minha poesia é recebida, mas quando escrevo busco sempre trazer para a literatura alguma tensão percebida no mundo. Acredito que a boa poesia busca sempre trazer para as pessoas a surpresa de uma verdade oculta que uma vez vista não pode mais ser negada. É como contar para as pessoas que existe um dinossauro na sala de estar e fazer todos se perguntarem como ainda não tinham notado.

**Em sua última publicação, “Na Casamata de Si” (2018), de acordo com Micheline Verunschik, você “rege os dois movimentos, o interno e o externo, a gestão da guerra e da guerrilha” e usa a poesia para “alertar” sobre os perigos que vivemos no momento. Comente sobre essas questões.**

No meu livro “Na Casamata de Si”, eu trabalhei dentro de duas perspectivas. Em uma delas, eu escrutino o mundo interno, dentro da imagem de uma casa. A casa passa a ser o mundo interno do poeta, suas vivências, o pensar sobre si, sobre os sentimentos. Pelo momento que vivemos, de radicalização das subjetividades e ascensão do fascismo, eu apresento um eu-interior fragmentado, cheio de cicatrizes e cortes buscando se recompor em um país colapsado. Na segunda parte do livro, o poeta então aponta sua lira para o país e para o mundo, expondo um mundo cheio de contradições com ironia e sarcasmo, guardando a boa munição para aqueles que são dignos da fúria: os poderosos e os inimigos do povo.

**Pedro, você se vê como um poeta visionário?**

Como a minha literatura de certa forma resvala na distopia e em sistemas disfóricos, eu espero honestamente que não. As minhas visões de mundo e de futuro não são muito esperançosas, mas acredito que o mundo e a literatura precisem dessas visões também como alerta para os perigos de se acreditar demais nos conceitos da civilização.

**O que você diria para os jovens sobre a leitura literária, hoje?**

Eu diria leiam. Leiam o que gostarem, do jeito que gostarem. Procurem se informar e conhecer os poetas e grupos literários próximos de você. Não acreditem em quem te disser que determinada coisa que você gosta de ler não é literatura. Conheçam novos poetas, que falem a

sua língua. Procurem escritores que escrevam dos assuntos que te interessem. Leia no suporte que for: livro, blog, rede social. Ler é ampliar seu mundo, é abrir portas na sua mente. Leia.

### **Como você vê a cena da poesia marginal, no Brasil?**

Acredito que haja muitas poesias marginais. A poesia de rua, com jovens vendendo poesia na rua, segue firme, com novas vozes e pessoas surgindo a cada momento. Mas há outros espaços de poesia marginal surgindo com força total, como os saraus de periferia e os *Slams*. Hoje cada vez mais há um circuito consolidado de poesia marginal, que surge nas periferias e se articula promovendo festivais, encontros e criando espaços de circulação e difusão das novas literaturas marginais.

### **Pedro, por que você se descreve como um “empreendedor do ramo da cultura”? Conte-nos um pouco sobre os seus projetos futuros.**

Existe uma certa ironia nessa afirmação, posto que ela, pelo contexto, também denuncia uma certa precariedade do trabalhador cultural. Eu não possuo uma grande editora para bancar e financiar meus projetos e viagens, dependendo unicamente da venda dos meus produtos culturais para poder viver e fazer a minha literatura. Tenho muito orgulho dessa escolha, mas sabemos como é difícil viver de poesia num país como o nosso. Daí eu brinco me apropriando de um léxico “empreendedor”, mas em verdade eu não me distancio da realidade de 99% dos empreendedores brasileiros: dono de um pequeno negócio de baixo giro, capaz de sustentar quando muito a mim e meus dependentes. E acho isso importante: lembrar as pessoas que o poeta não é um ser distante, intocável, mas mais um trabalhador tentando ganhar a vida como qualquer outro. Nesse momento tenho me aplicado em continuar minhas viagens para, quem sabe, no ano que vem, poder me dedicar a novos projetos, como uma revista literária que pretendo lançar em breve.

### **Referências**

VERUNSCHK, Micheliney. Prefácio. In: TOSTES, Pedro. *Na Casamata de Si*. São Paulo: Patuá, 2018.

TOSTES, Pedro. *Na Casamata de Si*. São Paulo: Patuá, 2018.

*Recebido em 21 de abril de 2020.*

*Aceito em 23 de outubro de 2020.*